**O LUGAR DA FESTA – REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA “O TERREIRO E A CIDADE”, DE MUNIZ SODRÉ**

**Anderson Romério Rosas FRANÇA[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

A partir da obra “O Terreiro e A Cidade – a forma social negro-brasileira”, este trabalho busca apresentar a relevância do pensamento do professor Muniz Sodré para reflexões contemporâneas sobre as práticas comunicacionais que envolvem ambientes festivos. Realizando uma revisão bibliográfica, propomos dialogar com a obra, publicada originalmente em 1988 e com novas edições e atualizações ao longo dos anos, contribuindo com os estudos na área de comunicação contemporânea a partir dos conceitos de territorialização e alacridade (SODRÉ, 2019). A obra colabora com o debate acerca das formas sociais articuladas a partir dos espaços físicos e simbólicos das cidades, influenciando fatores como identidades, organização social e demais práticas culturais que emergem a partir dos ambientes festivos.

**Palavras-chave:** Territorialização. Alacridade. Sociabilidade. Identidade. Cultura

**1. INTRODUÇÃO**

As festas e celebrações populares no Brasil desempenham um papel central na construção de laços comunitários e na afirmação de identidades culturais. Desde os grandes eventos religiosos e as festas de rua até os festivais de música contemporâneos, esses espaços se revelam como momentos de encontro, troca simbólica e ritualização coletiva. No entanto, mais do que expressões de entretenimento, as festas têm também uma dimensão política, na medida em que se configuram como formas de resistência à exclusão e à marginalização social, características da sociedade moderna.

Nesta perspectiva, a obra O Terreiro e a Cidade, de Muniz Sodré, fornece um arcabouço teórico valioso para refletir sobre o papel da festa na formação de comunidades e na construção de espaços de sociabilidade. Sodré discute a territorialização e a ressignificação cultural, especialmente no contexto dos terreiros de candomblé, que, em meio à urbanização, emergem como territórios de resistência e manutenção de tradições afro-brasileiras. Esta reflexão é pertinente para o estudo sobre comunidades, contemporâneas, que, de modo semelhante aos terreiros, funcionam como espaços de recriação simbólica e de reafirmação identitária, transformando-se em lugares de celebração, pertencimento e resiliência cultural.

A partir dessa conexão teórica, este artigo busca explorar como a lógica apresentada por Sodré em O Terreiro e a Cidade pode ser aplicada à compreensão dos ambientes festivos, propondo que esses eventos, à semelhança dos terreiros apresentados por Sodré, também criam territórios culturais próprios, onde tradições, rituais e símbolos se manifestam e resistem às pressões de um mundo cada vez mais globalizado e mercantilizado.

Dessa forma, neste artigo utilizaremos a revisão bibliográfica como método de análise para investigar a obra O Terreiro e a Cidade, de Muniz Sodré. Nosso objetivo é explorar os principais conceitos apresentados pelo autor, como a “lógica do lugar próprio” (SODRÉ, 2019) e a relação entre cultura afro-brasileira e os espaços urbanos. Através da revisão bibliográfica, procuraremos contextualizar essas ideias dentro de um campo teórico mais amplo, mapeando debates e interpretações que dialogam com o pensamento de Sodré. Esse método nos permite compreender de forma aprofundada a relevância da obra para a compreensão da formação social e cultural no Brasil, além de identificar como os conceitos apresentados podem ser aplicados em pesquisas na área da comunicação e cultura.

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Ao elaborar uma discussão acerca da mobilidade e do imobilismo enquanto categorias analíticas, o pensador e geógrafo brasileiro Milton Santos, apresenta a tese de que “atividade econômica e herança social distribuem os homens desigualmente no espaço, fazendo com que certas noções consagradas, como a rede urbana ou de sistema de cidades, não tenham validade para a maioria das pessoas (SANTOS, 2009. p.75). É em torno desta questão que buscamos, neste artigo, discorrer sobre aspectos da sociabilidade urbana, tendo como ponto principal o que denominamos como ambientes festivos.

Compreendemos que as contradições expostas pelas condições de acesso a bens materiais e simbólicos são intensamente refletidas nas cidades. Disparidades de todas as ordens se revelam na distribuição espacial. Centro e periferia travam disputas silenciosas que tencionam a condição de cidadania que cada indivíduo pode ocupar no território urbano.

Ao passo que as cidades brasileiras foram e são erguidas reproduzindo opressões vivenciadas diuturnamente nas colônias do império português, percebemos que estas disputas ainda se fazem presentes nas práticas cotidianas dos cidadãos, que têm subjetividades formadas a partir de um tipo ideal de frequentador do espaço público.

Deste modo, nos interessa analisar práticas comunicacionais e culturais que precisam ser compreendidas com o intuito de minuciar as dinâmicas socioafetivas estabelecidas na formação de laços e grupos que formam a coletividade, salientando as singularidades de tais características que, ao se estabelecerem localmente, moldam uma forma social que se funde matrizes e derivações, reinventando as lógicas do modo de vida.

Estas reinvenções são pensadas a partir de duas contribuições mencionadas anteriormente, a saber: alacridade e territorialização (SODRÉ, 2019), propostas pelo pensador Muniz Sodré, que, ao realizar um extenso trabalho analítico e crítico acerca da formação das cidades brasileiras e aos processos simbólicos de exclusão reproduzidos por meio do conhecimento científico, conclui que os povos escravizados, desde a diáspora africana até os dias atuais, organizaram resistências ao apagamento e aniquilamento da herança sociocultural e da cosmologia negra, destacando o culto afro do candomblé como elemento de coesão social nos terreiros que permitiu a continuidade de mitos fundadores e, por conseguinte, formação de trocas e laços comunitários baseados em uma lógica própria (p. 49).

Expandindo os subsídios fornecidos por Sodré (2019), contextualizamos o debate acerca das desigualdades materiais e simbólicas que constituem as práticas sociais no espaço urbano. Ele destaca que é pelo jogo que se dá o envolvimento com o espaço. Tal jogo é definido pelas trocas intersubjetivas de uma comunidade que, ao se apropriarem afetivamente do território, estabelecem vínculos que dão continuidade à sociabilidade de uma comunidade, caracterizando, assim, o que o autor denominou como territorialização.

Muniz Sodré comenta:

“A territorialização é de fato dotada de força ativia. Se isso foi historicamente recalcado, deve-se ao fato de que a modelização universalista, a metafísica da representação, opõe-se a uma apreensão topológica, territorializante do mundo, ou sejam uma relação entre seres e objetos em que se pense a partir das especificidades de um território. Pensar assim implica admitir a heterogeneidade de espaço, a ambivalência dos lugares e, desse modo, acolher o movimento da diferenciação, a indeterminação, o paradoxo quanto à percepção do real – em suma, a infinita pluralidade do sentido (como no espaço sagrada, no qual cada lugar tem um sentido próprio). Na territorialização, apreendem-se os efeitos de algo que ocorre, que se desenvolve, sem a redução intelectualista aos signos” (SODRÉ, 2019, p. 15).

É pensando a territorialização que o autor faz uma ampla discussão sobre as características que demonstram a forma social brasileira. Estas dinâmicas de relacionamento com o território fora da África constituem não apenas um modo de vida, mas, principalmente, enquanto resistência aos padrões civilizatórios impostos pelo mundo ocidental. Por exemplo, o pesquisador aponta a força da festa (p.124) para a comunidade negra expressar a vitalidade diante da opressão racista infligida pelo regime escravocrata da colonização.

E assim, diante de um amplo jogo de conflitivo é que a alacridade (SODRÉ, 2019, p. 149) passa a ser compreendida como resistência de um grupo social historicamente excluído. Ao comentar elementos desta forma social, Sodré (2019) atesta que, em contraposição à alegria, que é modernamente designada como “puro e simples divertimento” (p. 149), a alacridade tem mais a ver com a liberdade, pois, diz ele que a palavra é derivada de *“alacer”*, que significa “alado” e “está bastante próxima de *‘sacer’* (sagrado)”. É a partir da alacridade que a comunidade negra tem, historicamente, rompido o silenciamento imposto pelas condições degradantes do processo civilizatório brasileiro.

Neste aspecto, buscando identificar aspectos da cidadania atuais, pensando a partir de Milton Santos (2009) e Muniz Sodré (2019), pretendemos pensar os ambientes festivos não apenas como espaços de interação social e processos comunicacionais fundamentais, mas também como expressões da cidadania, comunidade e identidades forjadas a partir da hierarquia urbana com a qual estes aspectos da sociabilidade ocorrem.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente artigo, buscamos refletir, a partir de uma leitura atenta da obra O Terreiro e a Cidade, de Muniz Sodré, articulando essa discussão com os pensamentos de Michel Maffesoli, em “O Tempo das Tribos”, e Milton Santos, em “A Cidadania Mutilada”. Para nós, as festas e celebrações, longe de serem apenas espaços de lazer ou entretenimento, constituem-se como territórios onde as dinâmicas sociais se revelam e onde os indivíduos constroem laços comunitários e identitários.

Muniz Sodré propõe que o terreiro é um lugar de interação profunda, onde a sociabilidade se organiza em torno de uma lógica própria, a qual ele denomina lógica do próprio. Nesse sentido, os terreiros e outros ambientes festivos são, em suas palavras, “territórios de comunicação que, ao resistirem à homogeneização cultural, criam formas específicas de troca simbólica” (SODRÉ, 2019, p. 45). Assim, ao pensarmos as festas como espaços de expressão comunitária, percebemos que elas desempenham um papel crucial na construção de uma cidadania vivida e experienciada no cotidiano. Aqui, a festa se torna um espaço de comunicação essencial para a resistência e a reafirmação das identidades, principalmente em contextos de vulnerabilidade social.

Michel Maffesoli, em O Tempo das Tribos, amplia essa compreensão ao discutir a importância das tribos urbanas na contemporaneidade. Para ele, “o espírito festivo permite a coesão de pequenos grupos, onde a emoção compartilhada durante as celebrações fortalece a sensação de pertencimento e cria uma identidade coletiva” (MAFFESOLI, 2006, p. 57). Essa visão dialoga diretamente com a ideia de que os espaços festivos são arenas sociais que, ao invés de fragmentar, reforçam os laços comunitários, possibilitando o fortalecimento de formas alternativas de organização social e cidadania.

Por sua vez, Milton Santos, em A Cidadania Mutilada, apresenta uma crítica à exclusão social e à precarização das formas de participação cidadã. Para ele, a cidadania moderna está fragmentada, muitas vezes reduzida ao mero cumprimento de deveres, enquanto as festas, assim como outras formas de organização social não institucionalizadas, podem oferecer “uma expressão viva da cidadania, onde os sujeitos se tornam visíveis e atuantes” (SANTOS, 2009, p. 123). Assim, os ambientes festivos se apresentam como momentos em que os sujeitos subvertem a exclusão, ocupando espaços e reivindicando sua identidade e pertencimento, o que contribui para uma cidadania ativa, ainda que fora dos moldes tradicionais.

Dessa forma, defendemos que pensar as festas como espaços de interação social e comunicação é fundamental para a compreensão dos processos de formação de comunidade e identidade. Esses ambientes não apenas facilitam a troca simbólica, como também desempenham um papel central na construção de cidadanias alternativas e na resistência cultural. Ao reunir as contribuições de Sodré, Maffesoli e Santos, entendemos que os ambientes festivos são, de fato, locais privilegiados de interação social, onde os sujeitos negociam suas identidades e participam ativamente da vida comunitária.

O conceito de comunidade, em nossa sociedade contemporânea, é abordado de maneira crítica pelo filósofo Zygmunt Bauman (2003), que aponta a necessidade crescente de pertencimento em um mundo marcado pela incerteza e pela fluidez. Bauman destaca que a ideia de comunidade está associada a sentimentos de segurança e proteção, evocando imagens de acolhimento e conforto: "comunidade é sempre uma coisa boa", diz ele, "um lugar cálido, confortável, como um teto que nos abriga da chuva ou uma lareira diante da qual nos aquecemos em um dia frio" (2003, p.7). Para Bauman, a comunidade oferece um espaço de confiança mútua, onde "todos nos entendemos bem, estamos seguros e podemos contar com a boa vontade dos outros" (p.8). Esse ideal de comunidade reflete um anseio coletivo por um ambiente solidário, que funciona como o "fermento" essencial para o fortalecimento do espírito comum. Suas reflexões revelam como essa busca pela comunidade, ainda que latente, se manifesta em diversas práticas sociais, como as festas comunitárias, que se tornam cenários privilegiados para a construção e renovação desses laços de pertença e solidariedade, resgatando, mesmo que temporariamente, a sensação de coesão social em meio às incertezas do mundo atual.

O conceito de comunidade, como abordado por Zygmunt Bauman, dialoga de forma significativa com as reflexões presentes na obra O Terreiro e a Cidade, de Muniz Sodré. Enquanto Bauman aponta a comunidade como um espaço de acolhimento e proteção em um mundo marcado pela incerteza e fluidez, Sodré também enxerga no terreiro um lugar de resistência e sociabilidade que transcende o contexto religioso. Para Sodré, o terreiro é um espaço de pertencimento onde se constrói uma lógica própria de interação, chamada de lógica do próprio, que, assim como a comunidade de Bauman, oferece segurança, confiança mútua e a reafirmação de identidades coletivas.

Em ambos os casos, há um reconhecimento de que a comunidade, seja no sentido mais amplo, como proposto por Bauman, ou mais específico, como no exemplo do terreiro, funciona como um refúgio diante das incertezas do mundo moderno. Para Sodré, o terreiro não é apenas um local de culto, mas um espaço de comunicação e expressão cultural, onde as relações se tecem com base em símbolos, rituais e afetos que fortalecem os laços de coesão social. Assim, ao refletirmos sobre o papel das festas comunitárias, citadas por Bauman como momentos de renovação dos laços de pertencimento, podemos aproximá-las das celebrações e rituais no terreiro, que também funcionam como processos de fortalecimento da identidade e resistência cultural.

Enquanto Bauman vê na comunidade uma resposta ao isolamento e à fragmentação da vida moderna, Sodré apresenta o terreiro como uma forma específica de organização comunitária que oferece abrigo e continuidade cultural, resgatando a coesão social e reafirmando a importância da sociabilidade em tempos de incerteza (SODRÉ, 2019). Ambos os autores, portanto, reforçam a ideia de que a busca por pertencimento e solidariedade é uma resposta latente às transformações do mundo contemporâneo, manifestando-se em práticas sociais que incluem desde festas comunitárias até celebrações religiosas e culturais.

Abordar a análise da formação de comunidades em ambientes festivos implica reconhecer a festa como um espaço privilegiado de interação social, onde os elementos simbólicos, rituais e culturais são reconfigurados e fortalecem a coesão dos grupos. Nesse contexto, a festa vai além do entretenimento, funcionando como um catalisador para a criação de vínculos sociais, a renovação de identidades coletivas e a resistência a estruturas hegemônicas. Assim, compreender os "jogos" sociais que emergem nesses eventos é fundamental para desvelar os processos de territorialização e pertencimento, demonstrando como a festa atua como um microcosmo da vida social, onde se consolidam práticas de sociabilidade que extrapolam o evento festivo e se projetam na vida cotidiana.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SANTOS, Milton. A Cidadania Mutilada. 4. ed. São Paulo: Editora Record, 2009.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

1. Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), [anderson.franca@ilc.ufpa.br](mailto:anderson.franca@ilc.ufpa.br). [↑](#footnote-ref-1)